

## **“APRENDI QUE MÃE MESMO É QUEM PEGA O MENINO”: ENTRE O PERTENCER E O ESQUECIMENTO DE SI E DO PARTEJAR**

Cledineia Carvalho Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo é parte de uma pesquisa sobre Velhice e pós-modernidade e apresenta um estudo sobre a construção do pertencimento e da memória de uma parteira moradora na zona rural que fica em torno da Comunidade Quilombola Nova Esperança no município de Wenceslau Guimarães- Bahia. Tem o objetivo de analisar como a colaboradora desse estudo se percebe no atual contexto visto que a atividade de partejar em casa tem sido cada vez mais substituída pelo atendimento hospitalar. E para isto será necessário refletir como as relações eram constituídas entre a gestante e a parteira e como ela se percebe neste novo contexto social e cultural onde esta prática tem sido cada vez menos solicitada e paralelo a isto acontece esquecimento da importância do seu legado. Neste estudo utiliza-se o método Narrativo tendo como técnica a História Oral de Vida por meio de entrevistas abertas gravadas que se constituem como importante mecanismo que possibilita a colaboradora da pesquisa a falar sobre si o que torna a pesquisa rica de subjetividades e memória. Os achados apresentam elementos para pensar nas contribuições desta mulher para a comunidade e para o seu reconhecimento local. O artigo será desenvolvido a partir das categorias: Pertencimento, Esquecimento e Pós-modernidades, fundamentada em teóricos como: Michael Pollak (1989); Zygmunt Bauman (1985 e 1988); Stuart Hall (2014); Grin Debert (2004), dentre outros

**Palavras-chave:** parteira, pertencimento, reconhecimento.

### **PALAVRAS INICIAIS**

“Eu fiz muito bemfício a muitos. Uns agradeceu mais muthos não. Nunca cobreí nada. Ganhava presente. Mas eu num gostava de receber. Era uma missão” (MÃE ANA, 2017).

“Aprendi que mãe mesmo é quem pega o menino” este título foi extraído da fala de uma parteira idosa, provoca pensar nos saberes proferidos e adquiridos na sua prática de partejar demarcados pela constituição do fazer-se e construção de identidades na interação com as outras pessoas e que é a colaboradora deste artigo.

A atividade de partejar é um ofício tão antigo quanto a própria humanidade (LARGURA 1998) citado por MAIA (2013, p. 27) e representado por um conglomerado de saberes e práticas. Historicamente uma atividade majoritariamente

---

<sup>1</sup> Mestranda em Cultura e Sociedade – IACH/UFBA; Licenciada em História- UNEB; Professora da rede municipal de Jaguaquara - Bahia; Apoio: FAPESB; Email: keucarvalho@yahoo.com.br

feminina, as chamadas parteiras tradicionais que atuam ou atuaram em lugares longínquos do Brasil, especialmente na zona rural. Constata-se “Historicamente as mulheres cuidaram das mulheres na hora do parto, trocaram conhecimentos sobre a gravidez, parto e pós-parto, assim como sempre fizeram com outros aspectos de sua vida cotidiana.” MAIA (2013, p. 27).

No entanto, esta tarefa tem se reconfigurado nos últimos tempos mediante as novas demandas socioculturais, decorrendo em algumas regiões no esquecimento que acaba por recair também no abandono à representatividade das parteiras.

Esta atividade foi muito importante para a região em tempos de dificuldades financeiras e de acesso à cidade, e isto fez com que a parteira construísse laços profundos com a comunidade atuando em vários âmbitos do cotidiano tanto na vida familiar como para o lugar e sendo tratada com muito respeito por todos, e passou a ser chamada de “mãe” pelas crianças trouxe à vida. Fato é que elas eram muito respeitadas por todos, lhe rendendo obediência e reverência em tempos de festejos como rezas e a quaresma.

A parteira “mãe” não recebiam nenhum tipo de pagamento em dinheiro pelo seu trabalho a não ser por meio de presentes como um “corte de pano” e animal de criação doméstica como porcos e galinhas.

Com o passar dos anos, o acesso à cidade melhorou, fazendo com que as parturientes se deslocassem em busca de um atendimento hospitalar e aos poucos seu trabalho foi caindo em “desuso”, e consequentemente, esquecidos.

De acordo com Bauman (2005, p. 17 e 18), “a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa.” E isto nos faz pensar que entre a identidade e o pertencer há um caminho a ser percorrido e perpassa pelo autorreconhecer-se.

E como ser reconhecida e ser lembrada em tempos líquidos da pós-modernidade onde tudo é fluído e não há lugar para o que é “velho”? Esta reflexão requer muitas ponderações porque para pensar sobre o lugar de mulheres-parteiras na contemporaneidade requer sua contextualização no âmbito das relações construídas no auge da sua atividade e no momento atual. O pertencimento aqui precisa ser visto nas relações construídas e no reconhecimento gerado, sobretudo, pelas experiências partilhadas.

Sendo assim, recorrendo narrativa e história oral de vida, buscou-se dar voz a “Mãe Ana”<sup>2</sup>, na tentativa de compreender como se produziu enquanto mulher-parteira, considerando os elementos simbólicos do reconhecimento de si afim de reivindicar o seu lugar de pertencimento. Com o intuito de identificar o lugar de fala da colaboradora, segue breve relato:

Mãe Ana tem 95 anos, nascida em Curralinho, município de Jequié Bahia, foi morar na região após se casar com Sr. Bernardo Rocha, mãe biológica de 5 filhos e de “pegação” teve mais de duzentos. Agricultora, hoje viúva, aposentada, tem casa na cidade, mas prefere ficar na roça porque segundo ela na cidade apenas comia e dormia e na roça não, continua fazendo o que gosta que é arrancar mandioca, torrar farinha, fazer beijú e visitar os doentes. Atendeu chamados a qualquer hora do dia e da noite, andou muitas léguas e ficava dias fora de casa. Assim rememoriza que:

Eu tinha mais ou menos vinte anos quando eu comecei. Eu já tinha os meus filho tudo. Eu queria saber dos filho que Deus me deu licença que eu segurei. Foi mais de duzentos que me alembro. Deus deu licença que eu segurei. Eu queria pedir as menina para assentar num papé os minino que eu peguei. Isso sempre foi bom pra mim. Um dia vou comprar um “bichim” e mandar colocar num papé, mas esqueço, nunca me importei, nunca me alembrei. E eu ir dizendo, os que eu lembrar, para as meninas colocar os nome dos menino que eu segurei meu Pai! Com Deus na minha frente! (MÃE ANA, 2017).

A princípio é possível dizer que a colaboradora aceitou a “missão” por entender ser um legado divino e por isso irrecusável. A mesma afirma não ter sido uma escolha pessoal e sim por uma emergência diante a necessidade da comunidade que na época os serviços de saúde eram precários e ou inexistente e ainda havia os obstáculos geográficos, pois a região fica distante da sua sede e de outras cidades vizinhas e ainda tinha a dificuldade com carros. Naquele contexto poucas pessoas tinham carro e nem todos estavam disponíveis a servir.

Para “Mãe Ana” o partejar é um ofício que possibilita a dignidade da mulher que naquele momento está em angústia e risco de vida.

De primeirão quando num tinha dotô era cinco seis dia as mulé sofreno. Mais graça a deus ninguém nunca morreu nas minha mão. Tudo foi feliz cum seus fim (...) Eu andava menino. Um dia fui daqui lá em Dolivá. Era de notão. Meus filhos fechava as portas. E eu viajava. Já andava com a sacola arrumada. Colocava um vestido e viajava viaja... carregava óleo de ormenda, foia de ostra, tudo prá ajudá (MÃE ANA, 2017).

---

<sup>2</sup> Pela questão do anonimato necessário à pesquisa, foi tomada a decisão de não identificar a colaboradora; assim foi atribuído o nome pelo qual é tratada na comunidade com o intuito de preservar sua identidade.

A parteira tem papel fundante no momento do parto, pois elas sabiam conduzi-lo utilizando-se dos saberes e isto tornava a sua figura muito respeitada por todos. Outra coisa a considerar é a satisfação causada pelo sucesso do parto.

O partejar, conforme o objetivo deste trabalho está em processo de esquecimento diante das novas demandas contemporâneas que desvela em avanço no trato a saúde básica e do próprio desenvolvimento econômico e tecnológico. E isto é acentuado nas narrativas das colaboradoras, ambas ressaltam tanto o esquecimento do ofício, quanto demonstram preocupação com isto. Para Mãe Ana:

Hoje ninguém quer aprender... tem gente qui tem inté medo. Mais acho qui tinha que saber, porque se chover dimais carro aqui num sai não. E aí? (...) Eu aprendi antigamente que a mãe é só um saco que carrega o menino nus nove mês. Qui mãe mermo é a que pega. Mais o pessoá num quer saber de nada de véio não. (risos) Tá tudo perdido. A desobediência é grande. As pessoa num quer aprendê não. Tem dela qui tem inté medo (...) Hoje ninguém quer aprender... tem gente qui tem inté medo. Mais acho qui tinha que saber, porque se chover dimais carro aqui num sai não. E aí? (MÃE ANA, 2017).

As experiências vividas não dão significado apenas a nós mesmos. Elas assumem outros significados que perpassam pelas representações culturais e, por conseguinte constrói identidades coletivas. O partejar para “mãe Ana” por ora não está fazendo parte da dinâmica local, mas está no imaginário coletivo em um passado distante e por isto, resulta em certo esquecimento tanto do ofício quanto das representações destas mulheres.

Para Mãe Ana o esquecimento de alguns a deixa triste, mas mostra tranquilidade ao demonstrar consciência da sua importância na vida de muita gente e ela ainda relata que gostaria de fazer uma lista com os nomes de todos que ela “pegou”, ao revelar o seguinte desejo:

Eu queria pedir as menina para assentar num papé os minino que eu peguei. Isso sempre foi bom pra mim. Um dia vou comprar um “bichim” e mandar colocar num papé, mas esqueço, nunca me importei, nunca me alembrei. E eu ir dizendo, os que eu lembrar, para as meninas colocar os nome dos menino que eu segurei meu Pai, com Deus na minha frente (Mãe ANA, 2017).

A narrativa revela desejo de que gostaria de serem sim visitada. Ela não almeja o vedetismo, nem tampouco reverências, querem simplesmente receber uma visita de vez em quando.

Podemos então perceber na fala da parteira o sensação de existe um esquecimento, e isto tem uma profunda relação com a forma de se tratar a velhice e a

definição do seu lugar social, embora DEBERT (2004, p. 57) aponte que na sociedade pós-modernas há “a promessa de que é possível escapar dos constrangimentos e dos estereótipos, das normas e dos padrões de comportamento baseados nas idades. (...) é preciso tempo para avaliar se essa promessa é uma ilusão ou uma esperança realista a indicar mudanças libertárias”.

Logo, o sentimento de ser esquecido pode atingir a identidade pessoal do sujeito e do grupo visto que somos uma sociedade em constantes mudanças que Bauman (1998, p. 38) considera ser um o “problema da identidade” não resolvido, fenômeno próprio da cultura pós-moderna.

Ainda de acordo com Bauman (2005) o pertencimento passa por transformações contínuas. “As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas” (BAUMAN, 2005, p. 35).

E para driblar este escoamento necessitamos enaltecer as experiências antigas pois “A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes”. (HALL, 2014, p.11 e 12).

A entrevista revela a seleção da nossa memória entre o que lembramos e o que desejamos não dizer. Ressaltamos também o retorno ao passado distante no qual pessoas são importantes porque na “reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros”(POLLAK, 1989, p.13).

Ainda sob a ótica do esquecimento, Mãe Ana revela não lembrar exatamente quando começou a fazer partos, mas tem a consciência que foi em um momento de grande importância, pois foi em situação de urgência “foi num dia de mutha chuva... cumade Maria de Pedro de Bitu. Foi. Porque a parteira tinha aduecido. Intão mandaro me chamar”. E ao falar desse seu início, traz à memória nomes de pessoas importantes para ela :

(...) Foi os filho de cumade Maria... foi os que ela teve ai quem pegou tudo foi. Foi o depois de cumade maria de cumpade Pedro de Bitu qui comecei a pegar minino. Os de Nice tudo. Pegue três de de cumade Maria de rodrigue. Peguei três dela. Depois disso num parei mais. Só depois de veia que eu disse: agora cansei! Pruquê a parteira conhecida num pode vim. Tava duente. Foi cumade Jovem de Lenhada. (...) tu cunheceu? Ah! Era uma muié muito boa. Sarvou muita gente aqui. Ela que pegô os meu (MÃE ANA, 2017).

Conhecendo um pouco sobre o que diz a colaboradora, retomamos a pergunta: como ser reconhecida e ser lembrada em tempos líquidos da pós-modernidade onde tudo é fluído e não há lugar para o que é “velho”? Mãe Ana responde: “Minina, todo mundo aqui, tudim aqui, sabe o qui eu fiz. Ajudei mutha gente. Se si lembrá, agrardicida. Mas aqueles qui num dá valor, num si alembrá.. fica a consciênça de cada um. Os qui acha qui inda posso servi, vem me ver”(MÃE ANA, 2017).

Para a parteira, o esquecimento não é algo que a amole, mas deixa escapar a consciência de sua importância diante da comunidade e para a vida de tanta gente. Sabe que ainda pode ensinar e muito para dizer.

Entendendo que o pertencimento e o esquecimento vem imbuídos de representações do papel desta mulher a partir de suas próprias percepções. Entre tantas, ressaltamos o seu pertencer como construções individual-social de si mesmo dos lugares que ocupa.

Partejar em tempos pós-modernos nas localidades adjacentes da Comunidade Quilombola Nova Esperança passa por uma “crise de identidade” Debert (2004, p.53) ao que diz respeito sua permanência cultural perpassando por tensões entre a tradição e a modernidade ao que tange a representação simbólica da parteira que colaborou para este trabalho, visto que ela representa tantas outras.

## **PALAVRAS FINAIS NÃO CONCLUSIVAS**

Uma pesquisa que opta pelo caminho metodológico da narrativa e a técnica da História oral de vida não termina quando se encerra uma etapa institucional. Por isso este estudo é um caminho aberto para outras análises, pois não há uma resposta pronta e o que nos propomos aqui foi discussão de um processo e não encontrar repostas conclusivas.

O artigo se propôs pensar as questões que envolvem a cultura do parto na zona rural pelas mãos de uma parteira dentro do contexto da pós-modernidade. E isto já é um caminho aberto para outras indagações, sendo a pós-modernidade uma constante transformação sócio-histórica e cultural.

No entanto, ao que até aqui foi apurado compreendemos que o partear está entrando para o ostracismo mediante as novas possibilidades inerente a contemporaneidade assim como ocorre esquecimento da representatividade das colaboradoras. Embora Mãe Ana seja uma mulher muito conhecida na localidade, diz

sentir-se sim, esquecida e até de certo modo entendem que por parte da maioria há ingratidão por tudo que ela fez. A mesma confirma ser um trabalho voluntário e que recebia presentes, mas assinalou não gostar de recebê-los por entender ser um ofício, um dom divino. Esta mulher se diz feliz porque sabe que fez o bem a muita gente.

A questão de gênero é um marcador em se tratando da divisão clara da incumbência enquanto sendo uma missão feminina e os encargos que a mesma trazia, pois tinham de administrar outras situações cotidianas como casa, filho, marido e o roçado por serem nos seus entendimentos tarefas sob suas responsabilidades. Sendo a pós-modernidade caracterizada pela sua liquidez em todos os âmbitos das relações humanas, as identidades também se movem e se refazem.

Nesse sentido, Mãe Ana e sujeito desta pesquisa reinventa seu modo de ver o mundo moderno e assim de certa forma encaixar-se na interação com a juventude e as maneiras destes compreenderem o mundo porque enquanto há memória, existe vida e enquanto existir interação entre velhos e jovens haverá a tradição em um construto contínuo da identidade.

Em síntese, o trabalho aqui descrito revelou a história de vida desta mulher e a importância do partear em tempos de outrora e do esquecimento do mesmo na hodiernidade e a representatividade disto para a valorização de sujeitos e práticas que vão sendo esquecidas sem nenhuma preocupação para a manutenção e o tecer da memória. Por isto vozes e histórias de vidas subalternizadas precisam ocupar espaços merecidos para o reconhecimento do ofício de partear por elas exercidos.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt, **Identidade:** entrevista a Bebedetto Vecchi / Zygmunt Bauman; tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_, Zygmunt, **O mal-estar na pós- modernidade.** Tradução Mauro Gama, Claudia Martineli Gama. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 1988.

DEBERT, G.G, **A reinvenção da velhice.** Editora: universidade de São Paulo.São Paulo, 2004.

HALL, Stuart, 1932-2014. **A identidade na pós-modernidade**. Stuart Hall; tradução de Tomaz Tadeu e Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MAIA. Maia Luna. **Com o poder de Deus nas mãos**: concepções das parteiras acerca da vivência do parto numa perspectiva da espiritualidade. Dissertação de Mestrado. João Pessoa, 2013. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4208/1/ArquivoTotalLuna.pdf>. Acesso em: 1 de maio de 2017.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. ESTUDOS HISTÓRICOS – 1989.